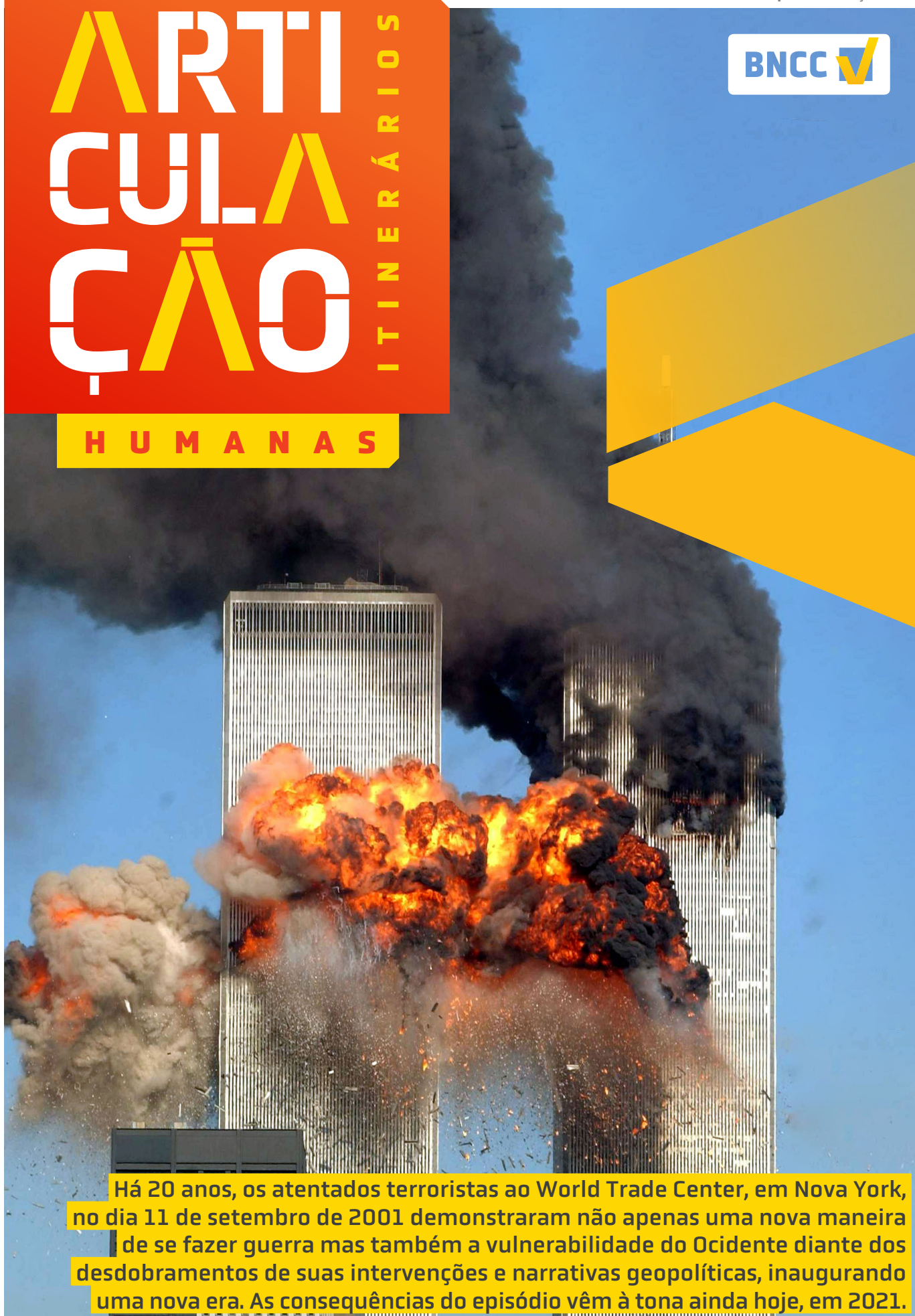


# ARTICULAÇÃO

ITINERÁRIOS

HUMANAS



Há 20 anos, os atentados terroristas ao World Trade Center, em Nova York, no dia 11 de setembro de 2001 demonstraram não apenas uma nova maneira de se fazer guerra mas também a vulnerabilidade do Ocidente diante dos desdobramentos de suas intervenções e narrativas geopolíticas, inaugurando uma nova era. As consequências do episódio vêm à tona ainda hoje, em 2021.



## V 11/9: os atentados que estremeceram os EUA há 20 anos

AFP

**E**ra uma perfeita manhã ensolarada de verão em Nova York, com céu totalmente limpo.

Mas em questão de minutos, o 11 de setembro de 2001 se tonaria o dia mais obscuro da maior cidade dos Estados Unidos, após os brutais atentados islamitas coordenados que deixaram quase três mil mortos e mudaram o rumo da História.

Pouco antes das 08h00, 19 jihadistas, a maioria da Arábia Saudita, embarcaram em quatro aviões nos aeroportos de Boston, Washington e Newark. Levavam facas, então permitidas se a lâmina fosse menor a 10 cm.

No sul de Manhattan, centenas de trabalhadores já estavam em seus escritórios em Wall Street, onde ficavam as Torres Gêmeas de 115 metros de altura, quando às 08h46 o voo 11 da American Airlines que tinha decolado de Boston com destino a Los Angeles, sequestrado por cinco jihadistas, se chocou entre os andares 93 e 96 da torre norte.

Os 87 passageiros e tripulantes morreram na hora, assim como centenas das 50 000 pessoas que trabalhavam no World Trade Center (WTC), símbolo do poderio econômico americano. Muitos ficaram presos no 91º andar, sem acesso às escadas de emergência.

Joseph Dittmar, um especialista em seguros radicado em Chicago, estava a essa hora em uma reunião com dezenas de corretores de seguros de todo o país no 105º andar da torre da frente, o edifício sul do WTC.

Ninguém “viu nada, nem sentiu nada, só a luz falhou”, contou Dittmar à AFP quase 20 anos depois.

Às 08h50, o então presidente George W. Bush, em visita a uma escola de Ensino Fundamental de Sarasota, Flórida, foi alertado do que se assumiu inicialmente como um acidente.

Dittmar contou que após um chamado para evacuar a torre sul, todos desceram ao 90º andar e, ao olhar pela janela, ficaram assustados.

Vista da ruína do World Trade Center, na cidade de Nova York, em 18 de setembro de 2001.





“Foram os piores 30, 40 segundos da minha vida [...] Ao ver esses enormes buracos negros no edifício, labaredas vermelhas como nunca tínhamos visto nas nossas vidas, colunas de fumaça cinza e preta que escapavam desses buracos”.

“Vimos móveis, papéis, gente que se atirou no vazio [...] Coisas assustadoras, terríveis. Senti muito medo”, lembrou, entre lágrimas.

Estima-se que entre 50 e 200 pessoas tenham pulado ou caído das duas torres.

Dittmar decidiu evacuar o prédio pela escada, uma decisão que salvou sua vida.

[...]

## “EUA sob ataque”

“Em algum momento, entre os andares 74 e 75”, a caixa da escada “começa a oscilar violentamente, os corrimãos se desprendem da parede, os degraus ondulam debaixo dos nossos pés como ondas em um oceano, sentimos uma parede de calor, sentimos cheiro de combustível”, lembra.

Eram 09h03 e o voo 175 da United Airlines com 60 passageiros e tripulantes, que tinha decolado de Boston com destino a Los Angeles, tinha acabado de colidir contra os andares 77 e 85 da torre sul do WTC, justo acima deles, provocando uma explosão gigantesca.

Muitas pessoas que estavam desocupando o edifício ficaram presas nos elevadores e acima do 85º andar.

“Os Estados Unidos estão sob ataque”, sussurra no ouvido de Bush seu chefe de gabinete, Andrew Card.

Ao chegar ao 31º andar, Dittmar e um punhado de companheiros de infortúnio encontraram bombeiros e socorristas que corriam escadas acima. “Seu olhar demonstrava; sabiam que não voltariam”, diz.

Dittmar demorou cerca de 50 minutos até chegar ao térreo e depois caminhou na direção norte com um colega em meio aos escombros quando, de repente, ouviu o barulho ensurdecedor do desmoronamento da torre sul às 09h59.

Quase instantaneamente, ouviu-se “o grito de dezenas de milhares de pessoas” em pânico, testemunhas da tragédia transmitida ao vivo pela TV para todo o mundo.

Bombeiros trabalhando em meio aos escombros do World Trade Center na tentativa de encontrar sobreviventes do atentado.







O edifício do Pentágono, a sede do Departamento de Defesa dos EUA. Na imagem, o resultado do impacto do avião sequestrado da American Airlines contra o prédio em 11 de setembro de 2001.

[...]

Meia hora antes, às 09h30, já informado do ataque contra a segunda torre, Bush qualificou os atentados de “tragédia nacional”.

“O terrorismo contra nossa nação não prevalecerá”, disse.

No Pentágono, o quartel-general do Departamento de Defesa, situado em Arlington, Virgínia, Karen Baker, uma especialista em relações com a imprensa do exército, então com apenas 33 anos, já sabia àquela hora que o ocorrido no WTC era um ataque e não um acidente, mas se sentia “no lugar mais seguro do mundo”.

Ela caminhava da cafeteria do Pentágono até seu escritório quando o voo 77 da American Airlines, que tinha decolado do aeroporto de Washington Dulles rumo a Los Angeles com 59 passageiros e tripulantes a bordo, sequestrado por cinco jihadistas, se chocou com a fachada oeste do prédio de concreto reforçado. Eram 10h15.

“Foi uma explosão forte e logo sentimos um tremor”, lembra. “Pensamos então que fosse uma bomba”.

## Uma batalha no céu

Às 09h58, Edward Felt, passageiro do voo 93 da United Airlines que tinha decolado de Newark, Nova Jersey, com destino a San Francisco, consegue se trancar no banheiro e ligar para o serviço de emergência 911 para denunciar que seu avião tinha sido sequestrado por quatro jihadistas que tomaram a cabine e desviaram a aeronave para Washington DC.



Aquele foi um dos últimos dos 37 telefonemas feitos por celular por passageiros e tripulantes a familiares do avião sequestrado.

Outro passageiro, Jeremy Glick, conseguiu explicar à esposa em terra que os passageiros votaram e decidiram invadir a cabine, mas que aguardavam sobrevoar uma área rural para agir.

“Estão prontos? Vamos”, diz outro, Todd Beamer, enquanto fala por telefone com um interlocutor em terra.

O confronto foi breve: cinco minutos depois do telefonema de Felt, às 10h03, o avião caiu a 900 km/h em uma colina arborizada perto da pequena comunidade de Shanksville, na Pensilvânia, a 20 minutos da capital americana.

Gordon Felt, irmão de Edward, estava no campo, ao norte de Nova York, trabalhando em uma colônia para jovens autistas.

Quase 20 anos depois, no local onde o avião caiu e onde foi construído um memorial em um parque imenso, ele lembra que quando soube que Edward estava no avião sequestrado deixou uma mensagem na secretária eletrônica do seu celular. “Ed, quando pousar ligue para nós, estamos nervosos”.

Horas depois, sua cunhada ligou para lhe dizer que não havia nenhum sobrevivente e pediu a Gordon para dar a terrível notícia à sua mãe.

Às 10h28 a torre norte do WTC, em chamas por 102 minutos, desaba.

O então prefeito de Nova York, Rudy Giuliani, pede calma da área dos ataques e ordena que a população em volta evacue o sul de Manhattan às 11h02.

[...]

Às 12h16 as autoridades decretaram o fechamento total do espaço aéreo após retirar dos céus americanos mais de 4500 aviões.

Durante várias horas, os socorristas e os bombeiros se apressaram por encontrar sobreviventes dos atentados em meio aos escombros. [...]

Por volta das 12h30, um grupo de 14 pessoas foi resgatado da torre norte, onde ficou protegido por um pedaço de escada que milagrosamente não desabou. O último resgate bem-sucedido ocorreu ao meio-dia de 12 de setembro.

[...]

Visitantes prestam homenagens aos passageiros mortos no voo 93 da United Airlines na véspera da cerimônia do 16º aniversário dos ataques terroristas de 11 de setembro, em 2017. Um memorial foi construído no local onde o avião caiu em 2001, a área rural da cidade de Shanksville, EUA.







O presidente estadunidense George W. Bush anuncia que “nossa guerra contra o terror começa com a Al-Qaeda, mas não termina aí”, em uma sessão conjunta do Congresso, em 20 de setembro de 2001, nove dias após os ataques terroristas de 11 de setembro.

## Fugir de Manhattan

Bush foi retirado da escola da Flórida e levado para a base aérea de Barksdale na Louisiana (sul) às 13h04, e colocou as forças armadas em “estado de alerta máximo”. Mais tarde, foi transferido para outra base aérea em Nebraska (centro), e finalmente foi autorizado a voltar para a Casa Branca, em Washington DC às 19h00.

Seu vice-presidente, Dick Cheney, que estava na Casa Branca quando os ataques ocorreram, foi evacuado da residência presidencial pela manhã e levado para um búnquer.

Dittmar, que encontrou refúgio no apartamento de uma amiga, só pensava em uma coisa: ir embora de Nova York.

Finalmente, consegue pegar um metrô lotado no fim da tarde – a circulação foi retomada após uma paralisação total de uma hora e meia – e chegar à estação ferroviária Penn Station, onde compra uma passagem para a Pensilvânia, onde moram seus pais.

No trem, todo mundo está em silêncio, ninguém diz uma palavra. Quando Dittmar, de 44 anos, chega à casa da família às 19h00, sua mãe o abraça e acaricia seus cabelos. “Era exatamente disso que precisava naquele momento”.

Exausto, ele perde o discurso de Bush às 20h30, que anuncia um balanço provisório de “milhares de mortos”. Finalmente, seriam 2 753 vítimas em Nova York, 184 no Pentágono e 40 em Shanksville.

“Estamos buscando quem cometeu estes atos maléficos [...] Não faremos distinções entre os terroristas que cometeram estes atos e quem os protegem”, disse Bush.

Ao chegar em casa naquela noite, após cruzar uma Washington isolada pelas forças de ordem, Karen Baker começou a digerir a enormidade do ocorrido, ao abraçar seu marido e os dois filhos pequenos.

“A pura tensão os tinha levado ao limite e estavam chorando. Desmoronaram. Isso foi realmente duro de ver”, contou.

O paramédico Al Kim permaneceu entre os escombros das torres até a noite, quando uma ambulância o levou até seu trabalho no Brooklyn.

Ele dirigiu para casa ainda coberto de poeira dos pés à cabeça por ruas completamente desertas, com as luzes de emergência no teto do carro para que não fosse parado pela polícia.

Ao chegar, se emocionou. “Era muito tarde, no meio da noite. Tomei um banho. E no dia seguinte, cedo pela manhã, estava de volta. Tinha muito o que fazer e muitos funerais para ir”.

AFP. 11/9: os atentados que estremeceram os EUA há 20 anos. **Isto é**, 19 jul. 2021. Disponível em: <<https://istoe.com.br/11-9-os-atentados-que-estremeceram-os-eua-ha-20-anos/>>. Acesso em: 17 ago. 2021.



## ➤ Talibã volta à capital do Afeganistão 20 anos após ser expulso pelos Estados Unidos

O Talibã foi expulso da capital Cabul pelos Estados Unidos em 2001, dias após os ataques do 11 de setembro

G1

O Talibã voltou [...] à capital do Afeganistão, Cabul, 20 anos após ser expulso pelas tropas dos Estados Unidos. A retomada da cidade ocorre em meio à retirada dos militares americanos do país.

Em 2001, os norte-americanos agiram contra o Talibã em reação aos ataques de 11 de setembro, se juntando à Aliança do Norte, uma organização desenvolvida pelo Afeganistão para unir a população e combater o grupo extremista.

Naquela época, o Talibã, então liderado por Mohammed Omar, controlava 90% do Afeganistão, embora nunca tenha sido reconhecido como governo pela Organização das Nações Unidas (ONU). Os únicos países que reconheciam a autoridade dos talibãs eram Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Paquistão.

O então presidente americano, George W. Bush, foi quem ordenou a invasão do país depois que os talibãs se recusaram a entregar Osama bin Laden, o arquiteto do atentado às Torres Gêmeas. Bin Laden morreu em 2011, em uma operação dos Estados Unidos no Paquistão, já no governo de Barack Obama.

O Paquistão e Arábia Saudita se tornaram aliados regionais dos EUA, e os talibãs passaram à luta armada contra os americanos e o novo governo afegão constituído.

Segundo a ONU, mais de 100 mil civis foram mortos ou feridos no conflito apenas na última década. Desde o início dos conflitos, os EUA gastaram mais de US\$ 1 trilhão (cerca de R\$ 5,2 trilhões) em despesas militares no Afeganistão.

Tropas internacionais da missão de segurança liderada pela Otan no Afeganistão como resposta estadunidense aos ataques de 11 de setembro de 2001. Ghazni, Afeganistão, novembro de 2010.

Osama bin Laden nasceu em 10 de março de 1957. Membro da proeminente família saudita Bin Laden e fundador da Al-Qaeda, foi executado pelas forças de segurança estadunidenses em maio de 2011, no Paquistão.





## Acordo de trégua

Ainda no governo de Barack Obama, alguns prazos foram estipulados para a retirada das tropas norte-americanas do Afeganistão.

A princípio, até janeiro de 2017, data da troca de presidentes nos Estados Unidos, o país não teria mais soldados em território afegão. Contudo, na época, Obama declarou que o Afeganistão não estava pronto ainda para a retirada completa das tropas e apenas reduziu o contingente para 9 mil militares.

Sob o governo de Donald Trump, os estadunidenses e o Talibã assinaram em fevereiro de 2020 um acordo que previa a retirada completa, em 14 meses, das tropas americanas e da Otan do território afegão.

A retirada das tropas americanas do Afeganistão dependia do cumprimento, pelo Talibã, de compromissos previstos no acordo – como não permitir que a Al-Qaeda ou qualquer outro grupo extremista opere em áreas controladas por ele.

Os talibãs também se comprometeram a não enfrentar tropas estrangeiras, mas seguiram com ações contra o exército afegão durante este período.

Durante a gestão de Joe Biden, o governo americano anunciou uma mudança no cronograma de saída das tropas: a retirada completa das tropas ocorreria não mais até 1º de maio, mas sim em setembro de 2021.

Em julho deste ano, os soldados dos Estados Unidos deixaram a base aérea de Bagram e entregaram o espaço para a administração do governo afegão.

Apesar de um número não identificado de militares ainda permanecer no país, a ação marcou o fim dos quase 20 anos de guerra desde os atentados de 11 de setembro de 2001.

## CRONOLOGIA RECENTE DO AVANÇO TALIBÃ

**14 de abril**

O presidente Joe Biden anuncia que as tropas dos EUA se retirarão do Afeganistão a partir de 1º de maio.

**11 de maio**

O Talibã toma o distrito de Nerkh nos arredores da capital, Cabul, enquanto a violência se intensifica em todo o país.

**5 de julho**

O Talibã afirma que poderia apresentar uma proposta de paz por escrito ao governo afegão já em agosto.

**14 de agosto**

O Talibã toma a maior cidade do norte, Mazar-i-Sharif, e, com pouca resistência, Pul-e-Alam, capital da província de Logar, apenas 70 km ao sul de Cabul.

**4 de maio**

Os combatentes do Talibã lançam uma grande ofensiva contra as forças afegãs na província de Helmand, no sul. Eles também atacam em pelo menos seis outras províncias.

**2 de julho**

As tropas americanas saem silenciosamente de sua principal base militar no Afeganistão, a base aérea de Bagram, a uma hora de carro de Cabul. Isso efetivamente termina com o envolvimento dos EUA na guerra.

**21 de julho**

Os insurgentes do Talibã controlam cerca de metade dos distritos do país, de acordo com o general dos EUA, destacando a escala e a velocidade de seu avanço.

**15 de agosto**

O Talibã toma a cidade de Jalalabad, no leste, sem lutar. Os insurgentes cercam a capital Cabul.





## O que é o Talibã?

O Talibã surgiu em um momento de lutas internas dentro do país. Voltando um pouco no tempo: o Afeganistão foi unificado em 1747 e foi motivo de briga entre os impérios britânico e russo até sua completa independência, em 1919.

Após experimentar a democracia, um golpe em 1973 inaugurou um período de conflitos que dura até hoje no país. Em 1978, um contragolpe comunista estabeleceu a República Democrática do Afeganistão.

De olho no país, a ex-União Soviética invadiu o território no ano seguinte, com 30 mil homens e ajudou os comunistas numa luta ferrenha contra os rebeldes tribais muçulmanos. O número de soviéticos no país chegou a 115 mil, e, nessa época, muitos refugiados foram para o Paquistão e para o Irã.

As guerrilhas rebeldes, conhecidas como Mujahideen ('santos guerreiros'), não estavam unidas, e de nada adiantava a ajuda em armas e dinheiro enviada pelos EUA aos guerreiros, que estavam concentrados em sua maioria no Paquistão.

A saída dos soviéticos ocorreu em 1989, mas as diferenças entre os grupos fizeram com que a guerra civil continuasse. Em 1992, os Mujahideen tomaram o poder, e um acordo permitiu a governança até 1994, quando a crise entre as diferentes facções guerreiras explodiu novamente.

Ao mesmo tempo, no sul do Afeganistão, surgiu um outro grupo militante, liderado por Mullah Mohammed Omar e que envolvia aprendizes do Islã sunita que pegavam em armas: o Talibã.

Ele logo conquistou as cidades de Kandahar e Charasiab.

Com financiamento paquistanês, eles foram derrotados na primeira tentativa de conquistar Cabul, mas continuaram os bombardeios à cidade, tomando-a por completo em setembro de 1996 e impondo um governo islâmico radical no país.

## Apogeu e convivência com a Al-Qaeda

Num país assolado por anos seguidos de guerras, a rigidez do Talibã trouxe uma certa calma à região. A maioria dos líderes tribais havia sido derrotada, e seus líderes foram enforcados. A população foi desarmada, e as ruas foram desbloqueadas, facilitando o comércio.

O grupo aplicou no país uma interpretação rígida da Sharia, a lei islâmica. Logo as escolas de meninas foram fechadas, e as mulheres foram proibidas de deixar suas casas até para fazer compras. Fontes de entretenimento como música, TV e esportes também foram banidas.

A aproximação com o líder da rede terrorista da Al-Qaeda, Osama bin Laden, não tardou. A princípio um opositor do Talibã, Bin Laden mudou de lado após um encontro com Mullah Mohammed Omar em 1996. Com o apoio de Omar, sua al-Qaeda estava segura para agir no Afeganistão.

TALIBÃ volta à capital do Afeganistão 20 anos após ser expulso pelos Estados Unidos. **Portal G1**, 15 ago. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/15/taliba-cabul-20-anos-depois.gh.html>>. Acesso em: 17 ago. 2021.





# Causas e efeitos do atentado que mudou a História

No dia 11 de setembro de 2001, há 20 anos, milhares de pessoas assistiam ao vivo a um dos eventos político-sociais de maior importância e impacto para a política internacional do século XXI, que influenciaria e determinaria grande parte do jogo geopolítico entre as grandes potências globais nesse início de século, com consequências sentidas até os dias atuais.

O que inicialmente foi transmitido como um acidente trágico envolvendo o choque de um avião comercial em uma das duas torres do World Trade Center, na cidade de Nova York, repentinamente ganhou outro sentido quando, ao vivo, um segundo avião atingiu a outra torre. Rapidamente, as transmissões televisivas ao redor do mundo perceberam que não se tratava mais de um infortúnio aéreo, mas sim de uma ação planejada. O mundo assistia, ao vivo, a um ataque direto à maior potência global. Sem dúvida alguma, um evento que entrou para a história.

Os ataques às Torres Gêmeas, na maior cidade cosmopolita do mundo, não foram eventos isolados. Nesse mesmo dia, outra aeronave comercial atingiu o edifício do Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos EUA, no estado da Virgínia. De acordo com o relatório oficial do governo estadunidense, um quarto avião, que se chocou no solo da Pensilvânia, tinha como alvo a sede do governo estadunidense em Washington, mas colidiu antes graças a uma tentativa por parte da tripulação e de alguns passageiros em retomar o controle da aeronave.

Soldados instalam concertina ao longo da base aérea de Fairford, na Grã-Bretanha, local de treinamento para a invasão do Iraque, em março de 2003.







Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, que mataram cerca de 3 mil pessoas, predominantemente civis, marcaram um processo geopolítico em mudança desde a década de 1990, cujos efeitos ainda estamos vivendo e compreendendo.

A organização Al-Qaeda, fundada nos anos de 1980 e então chefiada por Osama bin Laden, reivindicou, em vídeo divulgado no ano seguinte, a autoria dos ataques.

Cerca de 100 mil pessoas se reúnem na Praça da República, em Paris, para mostrar solidariedade às vítimas do ataque terrorista ao escritório do jornal satírico francês **Charlie Hebdo** que matou 12 pessoas, cometido por um extremista islâmico, em 7 de janeiro de 2015.

Os anos que se seguiram foram também fortemente marcados por diversos ataques terroristas, em diferentes países. Madri e Londres foram atacadas em 2004 e 2005, respectivamente; a Nigéria sofreu ataques terroristas em diversas ocasiões (2009, 2014, 2015), da mesma forma que a Rússia (2002, 2004, 2009); a França, em 2015, por causa da publicação de uma charge que retratava o profeta Maomé, pelo jornal **Charlie Hebdo**, também foi palco de mais um atentado terrorista. Isso somente para ficar em alguns poucos exemplos. Mas o que haveria causado essa constante presença de ataques terroristas ao longo da história recente do século XXI?

## Mudanças geopolíticas e os “novos” conflitos mundiais

O fim do século XX é marcado por alterações importantes no cenário geopolítico mundial. Foi em meados desse século que o processo de globalização se expandiu, encurtando as distâncias físicas e simbólicas entre as pessoas e os países em razão dos avanços tecnológicos.

Após 1991, encontraremos de forma mais clara algumas mudanças sociais e políticas que impactaram diretamente os atentados de 2001. Em primeiro lugar, certamente, está a consolidação dos EUA como a principal potência global, caminho deixado livre com a dissolução da União Soviética, sua maior rival e opositora, centrando as atenções mundiais às suas ações. Em segundo lugar, a década de 1990 será marcada pela multiplicação de diversos conflitos que se caracterizaram pelo envolvimento de um complexo entrelaçamento de atores estatais e não estatais cuja ação violenta estava direcionada, predominantemente, aos civis, o que a intelectual britânica Mary Kaldor denominou de “novas guerras”.

O historiador britânico Eric Hobsbawm, no livro **Era dos extremos** e em outros textos publicados, expõe que o século XX pode ser compreendido por meio da análise de suas mais diversas guerras, nas quais a centralidade da violência política seria o elemento comum de todos os principais eventos históricos do período.

Particularmente, veremos ao longo da Primeira Guerra Mundial o advento de uma prática inusitada que diz respeito ao envolvimento crescente dos civis nas dinâmicas da guerra, principalmente nas fatalidades associadas aos conflitos bélicos. Anteriormente, as guerras eram travadas respeitando certos costumes e normas internacionais, que buscavam criar limites às barbáries perpetuadas pelas disputas políticas armadas. A necessidade de



uma declaração formal de guerra, bem como a impossibilidade do começo das hostilidades de guerra se iniciarem sem nenhum aviso prévio e explícito, são alguns exemplos dessas “regras” compartilhadas entre os Estados que entravam em guerra. Mas, principalmente, compreendia-se que uma guerra deveria ser travada entre soldados — talvez uma das principais regras estabelecidas no “direito da guerra”.

Voltando ao século XX, encontraremos já durante a Primeira Guerra Mundial o desrespeito sistemático dessas normas referentes à prática da guerra, principalmente no envolvimento dos civis nas fatalidades decorrentes dela. Hobsbawm afirmou que, ao longo de todo o século XX, as guerras foram, gradativamente, conduzidas visando a destruição da economia, da infraestrutura dos Estados e, conseqüentemente, das populações civis. Desde essa época, o número de fatalidades entre os civis, em decorrência da guerra, supera as mortes entre os soldados. A ocorrência de inúmeros genocídios, ao longo desse século, exemplifica bem essa transformação. Alguns cientistas sociais e historiadores caracterizam essa mudança por meio da noção de “guerra total”, por incluir tanto civis quanto militares nos conflitos.

Com o fim da Guerra Fria e, principalmente, com o fim do medo de uma disputa nuclear entre as duas principais potências militares, inúmeros outros conflitos violentos se intensificaram e chamaram a atenção do mundo. No entanto, diferentemente das guerras tradicionais, travadas entre Estados que apresentam um poder centralizado, hierárquico e territorialmente estabelecido, essas novas guerras se caracterizam, cada vez mais, pela presença de atores políticos difusos, tanto política quanto territorialmente. Ademais, em virtude dessa característica, as novas guerras são, em sua maioria, guerras de desigualdade, visto que as partes envolvidas na disputa política violenta irão apresentar discrepâncias significativas em termos de poder político, militar e econômico — por esse motivo, o terrorismo se torna um instrumento importante e comum por parte dos grupos desfavorecidos nessas relações de poder.

Bandeira de Israel a meio mastro durante as homenagens póstumas a 11 israelenses mortos por terroristas do grupo Setembro Negro. Olimpíadas de Munique, Alemanha Ocidental, em 6 de setembro de 1972.



## Mas afinal, o que é o terrorismo?

O terrorismo é descrito pelos historiadores como uma tática de guerra comum à história das civilizações, tendo sido documentado ao longo de todo o período antigo. Em tempos mais modernos, durante os primeiros anos da Revolução Francesa, o termo “terror”, aplicado ao período jacobino, também será empregado de forma política para designar a ação de grupos antagônicos que buscavam deslegitimar e desacreditar seu adversário por meio de sua identificação como “terrorista” — não podemos esquecer que as rivalidades políticas, geralmente, também estão caracterizadas por disputas de narrativas.

O terrorismo, então, como tática ou instrumento de violência política caracteriza-se por um método que, com base em ações violentas perpetuadas por indivíduos, grupos sociais ou até mesmo por Estados, busca causar medo e impacto psicológico em seus inimigos. É por esse motivo que, geralmente, os ataques terroristas buscam realizar ações midiáticas, de grande espetáculo e simbolismo. O medo e o terror causados em consequência desses ataques são ferramentas políticas que transmitem uma mensagem de poder.

Como dito anteriormente, a existência de uma forte desigualdade de poder entre diferentes grupos políticos, desde meados do século XX, sejam estes estatais ou não, fez que o terrorismo se tornasse um instrumento comum por parte dos grupos que se veem desfavorecidos nessas relações de poder. Em razão de sua “simplicidade” em termos operacionais e financeiros, bem como seu potencial político, o método terrorista tornou-se uma alternativa viável e chamativa.

## A guerra ao terror

Voltamos ao 11 de setembro de 2001, agora que o contexto histórico e político ficou um pouco mais claro. Os atentados arquitetados por Osama bin Laden ocorreram durante a administração de George W. Bush, do Partido Republicano, no primeiro ano de seu mandato. Consequentemente, os ataques terroristas nortearam a construção da agenda da política doméstica e da política internacional estadunidense em seus dois mandatos e nos mandatos dos presidentes que o seguiram.

Internamente, no dia 26 de outubro de 2001, Bush assinou o decreto que ficou conhecido como “Ato Patriótico” (*Patriot Act*), que permitiu que órgãos de inteligência e segurança pudessem interceptar ligações telefônicas e outras formas de comunicação, sem a necessidade de uma autorização prévia da Justiça, de pessoas suspeitas de envolvimento em ações e com grupos terroristas. Na prática, uma série de direitos individuais que garantia a liberdade dos cidadãos e moradores dos EUA foi sistematicamente suprimida por um temor constante de novos ataques terroristas em solo estadunidense. Em 2011, seu sucessor, o democrata Barack Obama, autorizou a extensão do Ato Patriótico.

A constante execução de ataques terroristas no século XXI e o medo contínuo e persistente de novos atentados trouxeram questionamentos importantes referentes aos limites das liberdades individuais em detrimento de maior sensação de segurança. O **avanço das tecnologias de comunicação e vigilância** foi impulsionado pelo terror gerado pelas ondas terroristas do início do século.

Além disso, foi o Ato Patriótico de 2001 que viabilizou a existência de práticas de tortura como uma possibilidade de ação legal, por parte das



[ftd.li/423awk](https://ftd.li/423awk)



autoridades estadunidenses, para obtenção de informações referentes às atividades terroristas. O decreto também direcionava as decisões relacionadas à invasão de territórios e “caça” aos terroristas a cortes militares e não mais a cortes civis ou a órgãos internacionais.

Esse contexto definiu a política externa de Bush, marcada pelo investimento em uma ofensiva internacional contra o terrorismo, uma empreitada que contou com aliados internacionais na busca e identificação dos responsáveis pelos ataques de 11 de setembro e intensificou a interferência estadunidense em territórios e questões políticas dos países do Oriente Médio que já se fazia presente desde as disputas com os soviéticos durante a Guerra Fria.

A contenda de Bush contra o terrorismo se deu efetivamente em outubro de 2001, com o início de operações militares no Afeganistão para combater focos terroristas no país, então sob comando do grupo religioso armado Talebã, que mantinha estreitas relações com a Al-Qaeda, organização que assumiu a responsabilidade pelo atentado de setembro do mesmo ano.

Desde o dia 7 de outubro de 2001, portanto, os EUA estão em guerra, impondo-se militarmente sobre países como Iraque e Afeganistão com o pretexto da “Guerra ao Terror”, estabelecida pela administração Bush e continuada pelos governos seguintes.

Um marco importante desse processo se deu em 2002 com a criação da Estratégia Nacional de Segurança (*National Security Strategy*), que ficou conhecida como “Doutrina Bush”. Esse documento estabeleceu quatro grandes elementos para a política estadunidense contra o terrorismo: (1) a necessidade de guerras preventivas para combater ameaças internacionais ligadas ao terrorismo; (2) a possibilidade dos EUA em agir de forma unilateral, quando necessário, desrespeitando decisões de organizações internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU); (3) a ideia de que a manutenção da ordem e da paz internacional deve ocorrer por meio da primazia estadunidense na política internacional; (4) a percepção de que regimes políticos “não democráticos” trariam mais insegurança, sendo necessário, então, que os EUA intervissem nesses regimes.

A Guerra ao Terror foi justificada por Bush tomando-se por base argumentos morais, em que os EUA, representantes do “bem”, deveriam encabeçar uma ofensiva militar contra os terroristas, representantes do “mal”. Para vencer o “mal”, qualquer instrumento, então, seria aceitável. Qualquer país que desse abrigo aos terroristas seria considerado inimigo.

Esse foi também o contexto em que a administração Bush acusou o então presidente do Iraque, Saddam Hussein, de possuir armas de destruição em massa, o que levou, no dia 20 de março de 2003, ao início da Guerra do Iraque, que só teve fim 8 anos e 8 meses depois, em 2011, deixando o país em uma guerra civil que durou mais seis anos e imerso em uma crise humanitária com desdobramentos até os tempos atuais.

## Vinte anos se passaram, o que ficou?

A Guerra ao Terror de Bush mostrou ser um insucesso. Mesmo com a morte de Osama bin Laden pelas tropas estadunidenses, em 2 de maio de 2011, as consequências políticas e militares são inúmeras — e ainda em andamento.

Grande parte dos conselheiros militares e intelectuais da política internacional estadunidense aponta, após os ataques de 11 de setembro, para a impossibilidade estratégica de se combater o terrorismo, uma tática política difusa e territorialmente descentralizada. A realização de uma guerra tradicional, ou seja, declarada contra outro país, como foi o caso do



Forças iraquianas no lado ocidental de Mossul, onde combatiam militantes do Estado Islâmico, em julho de 2017.

Afeganistão (2001) e Iraque (2003), traria um alto número de mortes e enormes gastos econômicos, sem o retorno estratégico almejado — no caso, o fim dos grupos terroristas.

A ação militar estadunidense no Iraque ainda serviu de pretexto para o fortalecimento de tantos outros grupos violentos opositores ao Ocidente. Após a morte de Osama bin Laden, a Al-Qaeda, sediada no Afeganistão, mas com braços em outros países, passou por um processo de descentralização e conseqüente enfraquecimento. A Al-Qaeda no Iraque, recém-liberta da sua sede afegã, juntou-se com outros grupos islâmicos iraquianos que combatiam o avanço estadunidense no país e formaram o Estado Islâmico do Iraque e do Levante.

O enfraquecimento político do Iraque, causado pela presença das tropas estadunidenses, por quase uma década, e pela morte de Saddam Hussein (em 30 de dezembro de 2006), criou um ambiente político e social propício ao crescimento do Estado Islâmico. Além disso, a partir de 2010, a região do Oriente Médio presenciou uma série de movimentações populares, posteriormente denominadas “Primavera Árabe”, que aprofundaram a crise política de diversos países da região. Uma das principais conseqüências dessas movimentações se deu com o início da Guerra Civil na Síria, iniciada em janeiro de 2011.

A fragilidade política síria possibilitou a entrada e o crescimento do **Estado Islâmico** naquele país — que, a partir de então, passou a se chamar Estado Islâmico do Iraque e da Síria (Isis, no acrônimo em inglês, *Islamic State of Iraq and Syria*). O Estado Islâmico buscou tornar-se a autoridade política e religiosa de todo o mundo muçulmano e, embora enfraquecido após uma série de derrotas militares, continua presente na luta política mundial, participando, até mesmo, de conflitos no continente africano.

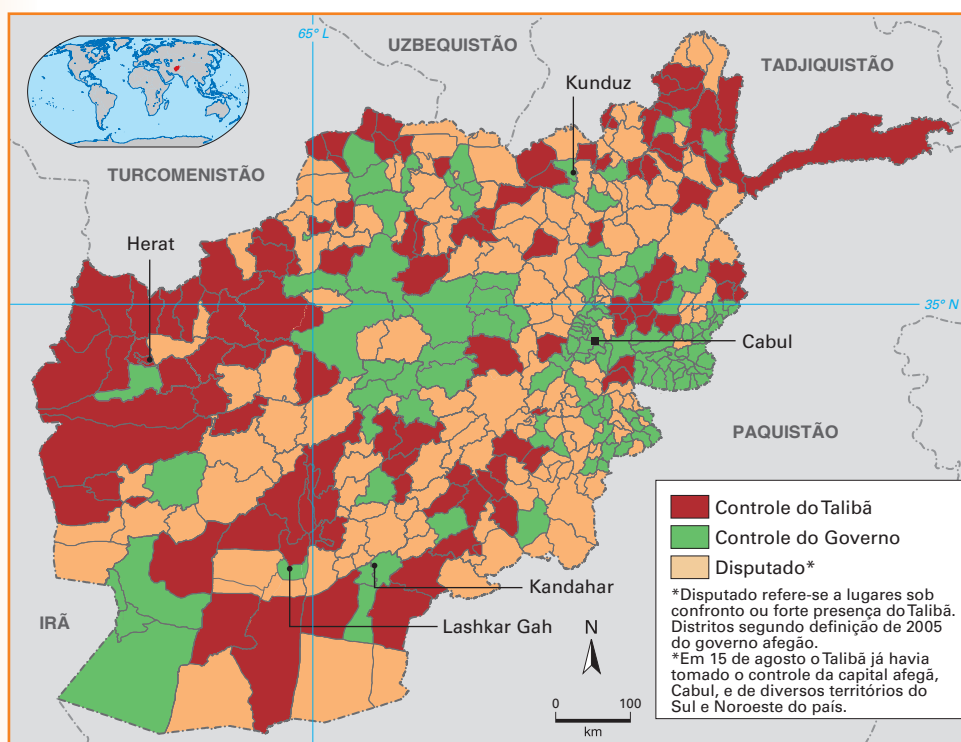


O recém-eleito presidente dos EUA, Joe Biden, anunciou a retirada completa das tropas americanas do solo afegão até o dia 11 de setembro de 2021, no vigésimo aniversário dos ataques às torres gêmeas e ao Pentágono, finalizando assim um processo de ocupação que durou cerca de 20 anos e que teve seu fim postergado algumas vezes.

Em outubro de 2015, o então presidente Barack Obama anunciou a impossibilidade da retirada das tropas americanas do país – contrariando, dessa forma, uma de suas promessas de campanha, de suspender a missão americana no país até o final de 2017. Para Obama, a presença americana no território afegão ainda não teria sido capaz de enfraquecer e eliminar as organizações terroristas, principalmente o Talebã, o que, então, ainda consistiria numa ameaça à segurança nacional americana. Donald Trump, presidente que sucedeu Obama, chegou a cogitar a possibilidade de reduzir pela metade as tropas americanas, nos últimos dias de seu mandato – mas nada fez.

No final da segunda quinzena de agosto (2021), Biden cumpriu sua promessa e iniciou o processo de retirada do efetivo americano do Afeganistão. No dia 15, do mesmo mês, o grupo Talibã toma a capital afegã de Cabul e, após a fuga do então presidente Asharaf Ghani, retoma o controle político do país. Surpreendendo o governo americano que não acreditava num rápido fortalecimento do grupo afegão.

### DISPUTAS TERRITORIAIS POLÍTICAS NO AFGANISTÃO ATÉ 10 DE AGOSTO DE 2021



Fonte: BBC Afeganistão, 29 de julho de 2021.

A origem do Talibã está associada às disputas políticas, violentas, que caracterizaram a Guerra Civil Afegã, entre 1992 e 1996, após a saída da União Soviética do país, onde inúmeros grupos armados disputaram território e poder. Em meados de 1994, Mohammed Omar, uma liderança religiosa e política, que havia combatido as forças soviéticas décadas antes, fundou a organização conhecida

como Talibã. Seus membros consistiam em estudantes da etnia *pachtum* que se encontravam refugiados na fronteira Afeganistão-Paquistão (na língua *pachto*, '*taleban*' significa 'estudantes'). O grupo ganhou notoriedade desde o seu início, principalmente após financiamento por parte do governo paquistanês, que acreditava na capacidade do Talibã de estabilizar o país, constituindo-se, formalmente, como chefe de governo e de Estado do país – algo que perdurou até novembro de 2001, quando as tropas americanas tomaram a capital política de Cabul, expulsando o Talibã. Defensores de uma interpretação mais rígida do Alcorão – livro sagrado dos islâmicos – os membros do Talibã se associaram a outros grupos que partilhavam uma visão religiosa fundamentalista comum, como a Al-Qaeda, mas se diferenciavam destes, ainda, pela sua constituição étnica.



Apesar da grande preocupação inicial, o Talibã tenta firmar externa e internamente a confiança de que vai adotar uma postura política mais moderada. Representantes de países como a Rússia e a China, em resposta ao contexto das ações estadunidenses no país, declararam-se tranquilos quanto ao cumprimento da moderação prometida pelo grupo. Apesar disso, muitas manifestações e apelos à comunidade internacional por intervenção à retomada do Talibã vêm sendo feitos pelo povo afegão e o grupo já decretou alguns vetos e proibições à população, em especial às mulheres. A fotografia acima é um registro de 2016 de uma das sedes da União Europeia, localizada em Bruxelas, capital da Bélgica. A mulher retratada na imagem é a paquistanesa Malala Yousafzai, ativista pelo direito à educação de meninas e mulheres que foi atingida ainda adolescente por três tiros disparados por um membro do Talibã enquanto ia para a escola no Paquistão, em 2012, contrapondo-se à proibição imposta pelo grupo às mulheres quanto ao acesso ao ensino. Em relação à situação do Afeganistão em 2021, após a tomada do poder pelo Talibã, Malala manifestou-se ressaltando a importância do comprometimento de toda a comunidade internacional com a integridade e o acesso a direitos pela população e pelas mulheres, em especial, sob o novo governo.



O rápido retorno do Talibã ao poder, após a retirada das tropas americanas, pode ser compreendido pelo seu prestígio perante a etnia *patchum*, dominante no Afeganistão – e fortemente presente, também, no Paquistão. Após a queda do Talibã, em 2001, as potências ocidentais formaram com os principais grupos políticos afegãos um acordo de paz e reestruturação política do país, conhecido como ‘Acordo de Bonn’. A presidência do país ficou ao cargo de Hamid Karshi, um *patchum* moderado, que foi perdendo prestígio e apoio político ao longo dos anos – mas que simboliza, também, a força social da etnia *patchum*. Em termos geopolíticos, a forte presença americana no país desagradava grande parte dos países vizinhos ao Afeganistão, como o caso do Irã, China e Paquistão, principalmente, mas também de Tajiquistão, Uzbequistão e Turcomenistão, fortes aliados da Rússia.

Além disso, o Paquistão possui uma grande reserva inexplorada de matérias-primas ligadas à indústria de tecnologia, como o cobre, ferro, mercúrio, lítio e cobalto. Especula-se que o governo chinês busca se aproximar do governo Talibã para conseguir acesso à essas reservas.

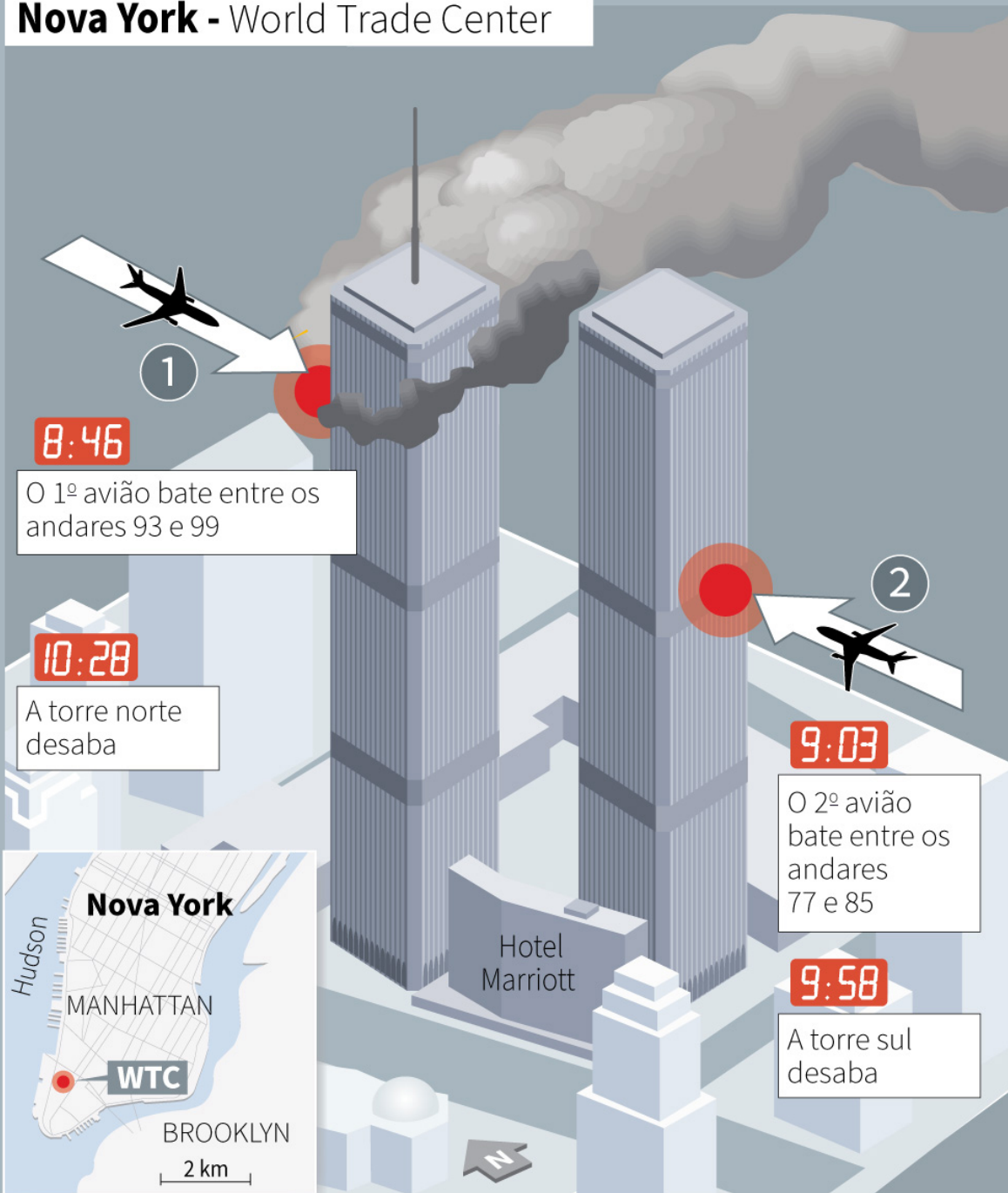
Desde o início da ‘guerra ao terror’, as ações terroristas se intensificaram e se espalharam pelo mundo. A permanência e fortalecimento do Talibã, 20 anos do início da guerra, é um forte indicativo do insucesso da empreitada militar americana contra o ‘terror’. De acordo com o filósofo americano Noam Chomsky, o uso do poder militar americano contra um país indefeso, como o Afeganistão, só colaborou para o crescimento do ódio internacional contra os EUA, bem como o desejo de vingança. Além disso, as ações desastrosas por parte da administração Bush, perpetuada por seus sucessores, contribuiu para o fortalecimento de outros países, que acabaram por mudar o jogo geopolítico global. Se antes dos ataques de 11 de setembro de 2001, os militares e intelectuais estadunidenses discutiam sobre a possibilidade do crescimento político chinês e do ressurgimento político russo, os 20 anos focados numa ‘guerra ao terror’ facilitaram uma mudança geopolítica, muito mais plural agora, se comparada ao começo do século.



◀ **Thiago Babo** é cientista social, doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP). É pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (Nupri-USP) e do Centro de Estudos em Conflito e Paz (CCP-USP).

# OS ATENTADOS DE 11 DE SETEMBRO DE 2001

## Nova York - World Trade Center



## Arlington - Pentágono

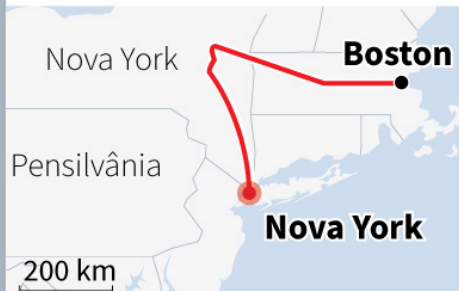


### 1 American Airlines 11

Boston - Los Angeles



**2 pilotos**    **81 passageiros**  
**9 tripulantes** (entre eles 5 terroristas)

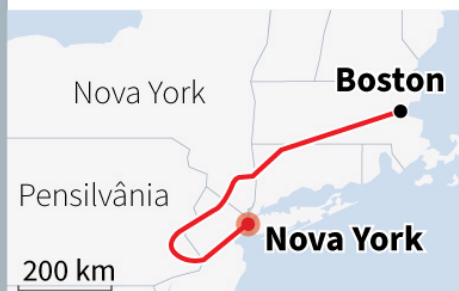


### 2 United Airlines 175

Boston - Los Angeles



**2 pilotos**    **56 passageiros**  
**7 tripulantes** (entre eles 5 terroristas)



### 3 American Airlines 77

Washington DC - L.A.

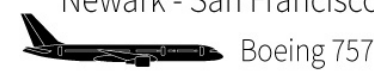


**2 pilotos**    **58 passageiros**  
**4 tripulantes** (entre eles 5 terroristas)



### 4 United Airlines 93

Newark - San Francisco



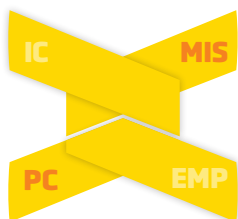
**2 pilotos**    **37 passageiros**  
**5 tripulantes** (entre eles 4 terroristas)



**BALANÇO**  
**2 979**  
**mortos**

dos quais  
**2 750**  
**em Nova York**





> **Processos criativos**  
> **Mediação e  
Intervenção  
Sociocultural**

**TRABALHANDO À DISTÂNCIA**

As propostas de atividade podem facilmente ser realizadas fora da sala de aula, caso as aulas estejam em modelo remoto ou híbrido. Considere propor o uso de dispositivos tecnológicos para as discussões em grupo, planilhas e editores de texto compartilhados, aplicativos de mensagens de texto, redes sociais, entre outros.

## ➤ Procurando diálogos

**1.** As disciplinas de História e de Sociologia, nos seus debates mais contemporâneos, enfatizam a importância da memória, tanto individual quanto coletiva, para a construção social de percepções sobre a história de um agrupamento humano. Dessa forma, a memória tem um papel fundamental para a formação social de um entendimento sobre o passado e o presente de determinada sociedade. Não é de estranhar, portanto, a existência de políticas públicas voltadas à construção dessas memórias coletivas. No espaço físico onde se encontravam as “Torres Gêmeas” foi construído um complexo que engloba edifícios, um memorial e um museu, como forma de estabelecer um local onde os estadunidenses possam relembrar os acontecimentos do dia **11 de setembro** de 2001. Em grupos, pesquisem e discutam as formas pelas quais a memória coletiva sobre o 11 de setembro foi construída na sociedade estadunidense. Façam uma descrição dos principais locais e atividades criados para a preservação e ressignificação da memória coletiva dos atentados pelo povo estadunidense.



[ftd.li/papyno](https://ftd.li/papyno)

**2.** Desde o início de nosso aprendizado em História, observamos a importância da cronologia dos eventos que, interrelacionados, nos levam a contextos específico do tempo presente. Com essa ideia em mente, dividam-se em grupos e discutam os principais eventos da política internacional que ocorreram desde os ataques de 11 de setembro até os dias de hoje e criem uma linha do tempo. É interessante que os grupos ressaltem a conexão entre os eventos representados.

**3.** O advento do terrorismo na agenda política internacional dos séculos XX e XXI trouxe à tona um debate referente aos limites da liberdade individual perante a necessidade de garantias à segurança dos indivíduos. Com o objetivo de evitar futuros ataques terroristas, inúmeros países adotaram forte sistema de controle de informação. Os avanços nas tecnologias de comunicação possibilitaram, gradativamente, maior controle da população civil como um todo. Com base nessa discussão, reúnam-se em grupos para debater a dicotomia “segurança versus liberdade”. Façam uma pesquisa sobre casos específicos (por exemplo, a ação da Agência de Segurança Nacional — em inglês NSA — nos EUA) para fundamentar seus argumentos. Afinal, vale a pena perder certos aspectos de nossa liberdade individual para conseguir uma segurança maior?

**Na BNCC:**

- EMIFCG01
- EMIFCG04
- EMIFCG07
- EMIFCG08
- EMIFCHSA01
- EMIFCHSA03
- EMIFCHSA07

**Conteúdos abordados:**

- Terrorismo
- História dos EUA
- Afeganistão
- Guerra ao Terror
- Fundamentalismo religioso
- Relações internacionais
- Geopolítica

Os temas e as atividades que compõem este material buscam construir com os estudantes um diálogo sobre os 20 anos que nos separam do maior atentado terrorista da História e suas repercussões nas relações internacionais, no recrudescimento das políticas de segurança e no extremismo que atinge várias partes do mundo.

A análise desses conteúdos tem como objetivo promover debates e reflexões que despertem a criticidade dos estudantes a respeito de temas como a espetacularização da violência e o terror como forma de intimidação de forças mais poderosas, assim como os discursos securitários e as guerras de ocupação contemporâneas, com suas consequências em termos econômicos e sobretudo humanitários, como a diáspora de milhões de refugiados vitimados por esses conflitos.

No que se refere às relações geopolíticas, os temas tratados contribuem para a compreensão dos desdobramentos atuais de eventos históricos que vêm moldando as relações entre países e populações do Ocidente e do Oriente.

**Da informação à reflexão: dados e fontes em Ciências Humanas**

Neste ciclo 2021, o **Articulação Itinerários CHSA** aborda temas que se relacionam à utilização de fontes e dados nas Ciências Humanas, explorando as formas e a importância da coleta e da produção de dados e informações para a apreensão de fenômenos sociais, a construção de conceitos, a definição de políticas públicas e o avanço da ciência.





# ARTICULAÇÃO

ITINERÁRIOS

HUMANAS

SETEMBRO | 2021 EDIÇÃO Nº 8



#### **Diretor-geral**

Ricardo Tavares de Oliveira

#### **Diretor adjunto de Sistema de Ensino**

Cayube Galas

#### **Gerente de conteúdo**

Júlio Ibrahim

#### **Gerente de produção e design**

Leticia Mendes de Souza

#### **Editora**

Amanda Bonuccelli Voivodic

#### **Editora assistente**

Luiza Grecco e Marques

#### **Colaboradores**

Fernanda de Lima Bernardes

Henrique Bosso da Costa

Maíra de Freitas Bechtold

Verônica Rodrigues Souza

#### **Coordenador de eficiência e analytics**

Marcelo Henrique Ferreira Fontes

#### **Supervisora de preparação e revisão**

Adriana Soares de Souza

#### **Assistente editorial**

Renata Slovac Savero

#### **Preparação e revisão**

Equipe FTD

#### **Coordenadora de imagem e texto**

Marcia Berne

#### **Pesquisa de iconografia**

Equipe FTD

#### **Coordenadora de criação**

Daniela Máximo

#### **Supervisor de produção e arte**

Fabiano dos Santos Mariano

#### **Projeto gráfico**

Bruno Atilli

#### **Editora de arte**

Adriana Maria Nery de Souza

#### **Créditos das imagens:**

p.1. Spencer Platt/Getty Images; p.2. POOL/AFP via Getty Images; p.3. Anthony Correia/Shutterstock.com; p.4. Everett Collection/Shutterstock.com; p.5. Jeff Swensen/Getty Images; p.6. Jason and Bonnie Grower/Shutterstock.com; p.7. Al-Jazeera via APTN/AP Photo/Imageplus e Ryanzo W. Perez/Shutterstock.com; p.8. EML/Shutterstock.com; p.10. Stacia M Wilis/Shutterstock; p.11. Alexandros Michailidis/Shutterstock.com; p.12. AFP via Getty Images; p.15. SOPA Images Limited/Alamy/Fotoarena; p.16. Allmaps; p.17. TMP - An Instant of Time/Shutterstock.com; p.18. Arquivo Pessoal; p.19. Sabrina BLANCHARD, Maria-Cecilia REZENDE/AFP; p.21. Zabun Nesa/Shutterstock.com;